

Com algum atraso, publicamos a edição de jan./jun. 2016 da Bagoas, seu número 14. Esperamos que leitores e autores apreciem os textos publicados e o conjunto da edição. Agradecemos a colaboração dos autores que publicam nesta edição, cujos trabalhos contribuem para a realização do projeto de nossa revista de promoção da reflexão crítica e engajada no debate sobre as questões de gênero e diversidade sexual no Brasil e no mundo.

É fato que, no nosso país, ainda andamos a passos lentos quando o assunto é a institucionalização de direitos de mulheres, gays, lésbicas e transexuais, mas, seguramente, mais lentos ainda são os passos da própria sociedade brasileira na direção de suprimir práticas de preconceito, discriminação e violência quanto se trata desses mesmos setores da sociedade. Além de outros, que experimentam também o mesmo nível de preconceito e violência.

Notícias diárias chocantes dão farta razão àqueles que dão títulos trágicos ao “país campeão” de assassinatos de gays, travestis e mulheres. Se os dados merecem ser sempre repensados, para que se evite uma imagem inexata do país, eles dão, hoje, de algum modo, a exata medida de como nos enxergamos e representamos a nós mesmos. E trágica representação: que nos vincula à morte, a matar, a morrer, mais que nos liga à vida. Ainda que os levantamentos contenham alguma fragilidade em seus métodos, ter a consciência que matamos mais que outras sociedades (e inclua-se aqui todos os demais assassinatos diários: nas periferias, os assassinatos de jovens pobres, negros, executados pelas polícias, grupos de extermínio, rivais...) é, em si mesmo, também uma morte. É morte da ideia de poder/querer viver e deixar viver o outro. Tudo mais trágico ainda quando essa morte do viver e da vida produz-se fundada no preconceito puro e simples, mas alimentado pelas famílias, igrejas, escolas, universidades, mídia, pseudociências, Estado...

A notícia recente de uma mãe que decide matar seu próprio filho por este ser gay, caso do adolescente Itaberli Lozano, de 17 anos, em Cravinhos-SP, talvez resuma a tragédia na qual estamos metidos. Exemplo daquilo que a professora da Universidade de Nova Iorque Sara Schuman, em livro cuja Introdução foi publicada na Bagoas 5,

chamou de “homofobia familiar”: sistema de controle, inferiorização e punições a que gays e lésbicas são submetidos em suas próprias famílias em nossas sociedades. Um sistema mantido por “convenções e estruturas opressivas” e, como ainda assinala a autora, de “consequências dramáticas tanto nas nossas experiências sociais quanto em nossas relações de maior confiança, as relações afetivo-sexuais”.

Nossa esperança – na qual a Bagoas se engaja desde sua fundação! – é que outros e novos Itaberlis possam viver! E que, cada vez mais, na sociedade brasileira e em todas as demais, a vida tenha o primado e sua vitória sobre a morte!

Alipio DeSousa Filho

Editor